

# O Pilar Europeu da NATO e a Defesa Europeia

Patrícia Daehnhardt

*Patrícia Daehnhardt é Investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-NOVA) e Assessora de Estudos do Instituto da Defesa Nacional. Tem um Doutoramento em Relações Internacionais pela London School of Economics and Political Science sobre a política externa da Alemanha após a unificação. A sua investigação centra-se na política externa da Alemanha, Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) da União Europeia, NATO e segurança europeia, as relações transatlânticas e a ordem internacional, temas sobre os quais publicou vários artigos e capítulos de livros em publicações nacionais e internacionais.*

## Resumo

A persistência da guerra na Ucrânia e a incerteza quanto ao compromisso norte-americano na NATO colocaram a defesa europeia num ponto de inflexão que exige um realinhamento estratégico e uma transformação militar rápida e profunda na Europa. A realidade atual impõe um equilíbrio delicado: a Europa deve apoiar a Ucrânia através de assistência militar, financeira e humanitária, ao mesmo tempo que precisa de fortalecer as suas próprias capacidades de defesa para garantir a segurança do continente. Para garantir a dissuasão e defesa da Europa e conter a ameaça russa, tanto militar como híbrida, os Estados europeus não têm alternativa senão aumentar a despesa e os investimentos em defesa, desenvolvendo significativamente as

suas capacidades militares para adquirirem uma capacidade de dissuasão e defesa credível. Este esforço decorre da tripla necessidade de desenvolver um pilar europeu robusto dentro da NATO e, simultaneamente, de evitar um afastamento estratégico dos Estados Unidos da Europa, e recalibrar a relação transatlântica. Na análise das relações Europa-Estados Unidos da América (EUA), a partir da relação entre a NATO e a defesa europeia, argumenta-se que os países europeus devem consolidar um pilar europeu da NATO e repensar um novo acordo transatlântico. Para recuperar uma ordem de segurança europeia estável, deveriam já começar a operacionalizar esse pilar europeu da NATO.

**Palavras-chave:** NATO; Defesa Europeia; Armamento, Pilar Europeu.

**Abstract**

*The European pillar of NATO and European defence*

*The persistence of the war in Ukraine and the uncertainty surrounding the US commitment to NATO have placed European defense at a turning point that demands a strategic realignment and a rapid, profound military transformation in Europe. The current reality imposes a delicate balance: Europe must support Ukraine through military, financial, and humanitarian assistance while simultaneously strengthening its own defense capabilities to ensure the continent's security. To guarantee deterrence and defense for Europe and contain the Russian threat, both military and hybrid, European states have no alternative but to increase defense spending and investment, significantly developing their*

*military capabilities to acquire a credible deterrent and defense capability. This effort stems from the dual need to develop a robust European pillar within NATO and, simultaneously, avoid a strategic distancing of the United States from Europe, while recalibrating the transatlantic relationship. Analyzing Europe-United States relations from the perspective of the relationship between NATO and European defense, it is argued that European countries must consolidate a European pillar in NATO and recalibrate a new transatlantic agreement. To restore a stable European security order, they should start operationalizing this European pillar of NATO now.*

**Keywords:** NATO; European Defence; Rearmament, European Pillar.

## 1. Introdução

A relação transatlântica entre a Europa e os Estados Unidos atravessa uma transformação estrutural, impulsionada pela guerra na Ucrânia e pela imprevisibilidade da política norte-americana de Donald Trump. Consequentemente, a persistência da guerra na Ucrânia e a incerteza quanto ao compromisso norte-americano na NATO colocaram a defesa europeia num ponto de inflexão que exige um realinhamento estratégico e uma transformação militar rápida e profunda na Europa. A realidade atual impõe um equilíbrio delicado: a Europa deve apoiar a Ucrânia através de assistência militar, financeira e humanitária ao mesmo tempo que precisa de fortalecer as suas próprias capacidades de defesa para garantir a segurança do continente.

A incerteza quanto ao compromisso futuro dos Estados Unidos com a segurança europeia torna necessário adotar uma estratégia dual de aprofundar a autonomia estratégica europeia e, simultaneamente, repensar os termos da sua vinculação com Washington para preservar o compromisso norte-americano na Aliança. Para garantir a dissuasão e a defesa da Europa e conter a ameaça russa, tanto militar como híbrida, os Estados europeus não têm alternativa senão aumentar a despesa e os investimentos em defesa, desenvolver significativamente as suas capacidades militares e consolidar uma capacidade de dissuasão credível. Este esforço decorre da dupla necessidade de desenvolver um pilar europeu robusto dentro da NATO e, simultaneamente, evitar um afastamento estratégico dos Estados Unidos; apenas assim se poderá recalibrar a relação transatlântica. Na análise das relações Europa-Estados Unidos, a partir da relação entre a NATO e a defesa europeia, argumenta-se a favor de um pilar europeu da NATO como pressuposto do aumento da capacidade de dissuasão europeia e da recalibragem de um novo acordo transatlântico. Para recuperar uma ordem de segurança europeia e euro-atlântica estável, os aliados europeus deveriam já começar a operacionalizar esse pilar europeu da NATO.

Este artigo analisa os desafios estruturais, políticos e industriais que a Europa enfrenta na construção de um pilar de defesa credível dentro da NATO, à luz das transformações recentes do ambiente estratégico europeu. A forma como os aliados europeus têm respondido a choques externos simultâneos, designadamente o retraimento euro-atlântico dos Estados Unidos, a fragilidade da relação transatlântica, assim como a intensificação das ameaças geopolíticas vindas da Rússia, têm sido determinantes para o reposicionamento estratégico do continente e a transformação militar europeia. A relação transatlântica entre a Europa e os Estados Unidos encontra-se num processo de transformação estrutural, em grande medida impulsionada quer pela imprevisibilidade da política norte-americana sob a presidência de Donald Trump, quer pela ameaça russa.

A conjuntura atual exige que a Europa desenvolva capacidades de defesa e dissuasão assentes em capacidades militares próprias e que promova ativamente a

consolidação da Base Tecnológica e Industrial de Defesa Europeia (BTIDE). A investigação, contudo, evidencia a fragmentação das políticas de defesa dos Estados europeus, a dependência tecnológica e industrial de terceiros e a limitada interoperabilidade entre forças armadas europeias, assim como os obstáculos burocráticos e infraestruturais à mobilidade militar. Destaca-se a necessidade de uma maior integração industrial e operacional, investimentos plurianuais previsíveis, e o desenvolvimento de capacidades inovadoras em áreas como inteligência artificial, guerra eletrônica e defesa antimísseis. Além disso, o artigo enfatiza o papel crucial da resiliência democrática e da coesão social, bem como a necessidade de uma mudança de mentalidade que reconheça a guerra como uma possibilidade real, transformando a Europa num ator estratégico capaz de sustentar a sua própria segurança a partir das estruturas da NATO.

Conclui-se que a consolidação de um pilar europeu dentro da NATO exige não apenas recursos materiais, mas também coerência política, coordenação estratégica e compromisso societal, de forma a reduzir a dependência face aos Estados Unidos e a fortalecer a defesa coletiva do continente europeu frente a ameaças geopolíticas persistentes. Neste quadro, a consolidação de um pilar europeu dentro da NATO surge como o mecanismo mais eficaz para reequilibrar o acordo transatlântico. Tal fortalecimento seria também essencial para restaurar uma ordem de segurança estável no continente e assegurar a defesa de uma Europa livre e democrática, amortizando o difícil equilíbrio entre defesa e bem-estar das populações (Fairness e Benoit, 2024).

## **2. Choques Externos e Ordem de Segurança Europeia**

Dois choques externos de natureza estrutural estão a reconfigurar o papel dos Estados europeus no domínio das políticas de defesa e a redefinir as dinâmicas intra-Aliança no seio da NATO. A agressão militar da Rússia contra a Ucrânia e a imprevisibilidade da política transatlântica da administração de Donald Trump constituem os principais fatores exógenos que abalaram os alicerces da segurança europeia, expuseram as vulnerabilidades da defesa europeia e evidenciaram a urgência de uma transformação profunda na arquitetura da relação transatlântica.

A ordem de segurança europeia do pós-Segunda Guerra Mundial, ancorada na preponderância militar dos Estados Unidos e na robustez institucional da NATO, encontra-se sob uma dupla pressão, sem precedentes, que tem forçado os líderes europeus a reconhecerem as vulnerabilidades da defesa europeia e a urgência de uma transformação política e militar. Embora o discurso político sublinhe repetidamente a necessidade de rearmamento e autonomização do continente europeu, é prematuro afirmar que a Europa esteja próxima de alcançar níveis significativos de

autossuficiência estratégica ou de uma reconfiguração estabilizada da relação transatlântica. Perante este cenário, os países europeus devem empenhar-se em construir um pilar europeu da NATO, de modo a restabelecer uma ordem de segurança europeia estável e garantir que, no quadro de uma Aliança Atlântica recalibrada, sejam capazes de assegurar a defesa da Europa com menos envolvimento dos Estados Unidos (Rhode, 2024; ver também Bergmann e Svendsen, 2025).<sup>1</sup>

Nesse quadro, o primeiro choque, a guerra da Rússia contra a Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, adquiriu um carácter existencial para a ordem de segurança pós-Guerra Fria, ao alterar as premissas que sustentavam a estabilidade euro-atlântica. A guerra não só expôs vulnerabilidades geopolíticas, como também redefiniu o papel da Ucrânia nas estruturas europeias de segurança, independentemente de uma eventual adesão formal à NATO, reforçando a necessidade de um enquadramento de paz que garanta simultaneamente a integridade territorial ucraniana e a coesão euro-atlântica (Gaspar, 2023). Nesse sentido, o desfecho da guerra será decisivo para moldar o futuro da relação transatlântica, como ilustrado na afirmação do ministro da Defesa alemão Boris Pistorius de que “não poderá existir paz duradoura na Europa sem uma Ucrânia forte e soberana” (Pistorius, 2025).

Do ponto de vista ocidental, o conflito provocou simultaneamente o reforço da Aliança e tensões entre aliados: por um lado, reafirmou a relevância da NATO com o alargamento à Finlândia e à Suécia, a revisão dos mecanismos de defesa e dissuasão, incluindo novos planos regionais e o aumento generalizado das despesas de defesa; por outro, revelou divergências persistentes sobre o tipo e a intensidade do apoio à Ucrânia, o estatuto futuro do país e as condições para a cessação do conflito. Perante esta pressão, torna-se evidente que a Europa permanece exposta e distante de uma autossuficiência estratégica. Estas fissuras correspondem ao objetivo permanente da estratégia russa do *decoupling* entre Europa e Estados Unidos para dissociar os Estados Unidos da defesa europeia e da guerra híbrida que Moscovo trava contra a Europa – envolvendo ciberataques, campanhas de desinformação, interferências com drones e ataques a infraestruturas críticas. A Rússia considera a Europa como um obstáculo à sua conceção de ordem internacional antiliberal e imperialista e procurou, desde o início, prosseguir exigências maximalistas sobre a Ucrânia – controlo total do Donbass e da Crimeia, desmilitarização da Ucrânia e veto à adesão do país à NATO – para remodelar a arquitetura de segurança eu-

---

1 Benjamin Rhode defende que a ordem de segurança europeia do pós-Segunda Guerra Mundial, fortemente sustentada pelos Estados Unidos, é historicamente anómala e cada vez mais frágil. À medida que o envolvimento dos EUA enfrenta sérios desafios, a Europa já não pode depender de forma fiável da hegemonia americana. Por conseguinte, os europeus precisam de lidar com um futuro no qual terão de defender a sua própria segurança de forma mais independente. RHODE, Benjamin (2024). “Europe without America”, *Survival*, 66(2), abril-maio 2024, 7-18. <https://doi.org/10.1080/00396338.2024.2332054>.

ropeia com o objetivo último do colapso das organizações de segurança e defesa ocidentais. Assim, a guerra na Ucrânia constitui não apenas um conflito territorial, mas também um campo central de disputa sobre a direção futura da ordem de segurança europeia e da própria relação transatlântica. E deixa a Europa perigosamente exposta.

O segundo choque estrutural que redefiniu o posicionamento europeu em matéria de segurança e defesa resulta da transformação da política transatlântica durante a segunda presidência de Donald Trump. Embora o seu primeiro mandato já tivesse introduzido incertezas quanto ao compromisso norte-americano para com a NATO, o retorno de Trump ao poder ampliou significativamente as apreensões europeias (Cohen, 2025). A conjugação entre a imprevisibilidade do presidente norte-americano e a possibilidade de um enfraquecimento das garantias de segurança previstas no artigo 5.º passou a ser encarada como um risco real, com implicações diretas para a credibilidade da dissuasão coletiva num contexto de ameaça russa. Num cenário em que a Rússia lançasse um ataque a um pequeno território da NATO, desafiaria uma resposta da Aliança Atlântica que, a não ser bem-sucedida, poderia, em última instância, significar o colapso da NATO (Giles, 2024).

Durante a campanha presidencial de 2024, Trump antecipou um reposicionamento crítico face à assistência militar à Ucrânia e sugeriu medidas suscetíveis de fragilizar a Aliança, incluindo formas de condicionalidade ao artigo 5.º, a criação de uma NATO a duas velocidades baseada no cumprimento dos 2% do PIB, restrições ao direito de voto aos membros que não cumprissem os compromissos de investimento em defesa ou mesmo a ausência dos EUA dos processos decisórios da Aliança.<sup>2</sup> Tais cenários alimentaram receios de uma degradação da fiabilidade estratégica dos Estados Unidos – historicamente o alicerce central da defesa europeia – e introduziram incerteza sistémica na arquitetura transatlântica após a eleição de 2024.

Este quadro suscita questões fundamentais: perante a retração estratégica norte-americana e a imprevisibilidade política em Washington, continua a ser realista considerar os EUA um garante de segurança plenamente confiável? E, caso essa garantia se deteriore, quando estará a Europa preparada para assumir um grau mais elevado de autonomia na sua própria defesa?

---

2 Durante a campanha eleitoral, Trump adotou repetidamente uma posição hostil relativamente aos aliados europeus, avisando-os de que, em caso de um ataque russo, os Estados Unidos não defenderiam os aliados que não tivessem alocado os 2% do PIB em defesa. “Donald Trump again threatens to sacrifice Nato allies to Russia”, *The Guardian*, 15 de fevereiro de 2024. <https://www.theguardian.com/us-news/2024/feb/15/trump-russia-attack-nato-campaign-biden>.

### 3. A NATO e Trump: A Transformação Estrutural da Relação Transatlântica

Os primeiros meses do segundo mandato de Donald Trump reacenderam dúvidas sobre o papel dos Estados Unidos enquanto garante central da segurança europeia e sustentáculo do internacionalismo liberal pós-1945, alimentando receios de uma possível rutura transatlântica. As apreensões europeias concentravam-se sobretudo em dois cenários: a possibilidade de que o ressentimento de Trump, face ao contributo europeu em matéria de defesa, conduzisse a uma retração estratégica e a um desinvestimento norte-americano na segurança europeia; e a hipótese de uma crise no Indo-Pacífico obrigar a uma redistribuição rápida dos recursos militares dos EUA, reduzindo a prioridade atribuída ao continente europeu.

Nesse contexto, a nova administração adotou uma postura disruptiva face à NATO, insinuando a possibilidade de retirada dos EUA e pondo em causa compromissos tradicionais de defesa coletiva. Esta orientação gerou incerteza quanto à resiliência da Aliança, à postura menos crítica da Administração perante a Rússia e à ambiguidade relativamente ao apoio a Kiev. Sinais iniciais de hostilidade para com aliados europeus e para com o Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, acompanhados por gestos de aproximação a Moscovo, intensificaram a perceção de erosão do compromisso norte-americano.

As preocupações agravaram-se após a intervenção do vice-presidente J. D. Vance na Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2025, onde este descreveu a Europa, e não a Rússia ou a China, como a principal ameaça aos EUA. Argumentando que o “reco europeu face a alguns dos seus valores fundamentais” representaria um risco para a democracia norte-americana, Vance acusou a Europa de adotar práticas antidemocráticas ao tentar conter o avanço de partidos de extrema-direita (MSC 2025:16). Este discurso aprofundou o fosso ideológico entre Washington e os seus aliados tradicionais, reinterpretando a Europa como potencial adversário.

Pouco antes, o Secretário da Defesa, Pete Hegseth, advertira que a Europa não poderia continuar a contar automaticamente com as garantias de segurança dos EUA, porque “duras realidades estratégicas impedem os Estados Unidos da América de se concentrarem primordialmente na segurança da Europa”, levando os Estados Unidos a já “não tolerar uma relação desequilibrada que incentive a dependência” (CNN 2025). Tal posicionamento refletia uma clara inflexão estratégica, em contraste com a administração Biden, ao interpretar a guerra na Ucrânia como um problema essencialmente europeu e ao procurar desvincular progressivamente os Estados Unidos da segurança europeia.

Ainda em fevereiro, durante a visita do presidente Zelensky à Casa Branca, o presidente e o vice-presidente dos EUA criticaram publicamente o líder ucraniano por alegada inação na resolução do conflito, insinuando que Washington poderia deixar

de considerar o apoio à Ucrânia (CNBC 2025). Esta interação constituiu um momento de particular tensão, reforçando a percepção de instabilidade no compromisso estratégico dos Estados Unidos com a Europa e com a Ucrânia.

A postura disruptiva da administração Trump gerou três grandes incertezas no contexto europeu: primeiro, o risco de um afastamento estrutural dos Estados Unidos da comunidade de segurança transatlântica e do abandono da estratégia de internacionalismo liberal seguida desde 1945; segundo, a possibilidade de uma redução significativa da presença militar norte-americana na Europa e da consequente erosão das garantias de dissuasão, incluindo a nuclear; por último, dúvidas sobre a fiabilidade dos EUA enquanto aliado na contenção da Rússia, numa conjuntura em que a Administração passou a interpretar a Europa mais como competidora do que como parceira estratégica. No seu conjunto, estes fatores alimentavam o cenário de uma potencial rutura transatlântica e de uma transformação estrutural na relação euro-atlântica, com implicações profundas para a coerência geopolítica do Ocidente. Num cenário mais otimista, os Estados Unidos poderiam permanecer apenas como uma potência benevolente que apoia, mas que já não lidera, a arquitetura de segurança europeia (Schmitt, 2025).

A reorientação estratégica dos EUA gerou apreensão quanto ao futuro da NATO e da ordem de segurança euro-atlântica, especialmente perante a possibilidade de uma redução gradual da presença militar norte-americana ou da redistribuição de capacidades para o Indo-Pacífico. A mensagem aos europeus era clara: devem assumir a responsabilidade primária pela sua defesa e reconstruir a sua arquitetura de segurança, de modo a estabelecer uma dissuasão credível contra ameaças híbridas e convencionais. Os Estados Unidos esperam que a Europa assuma um papel mais robusto no apoio à Ucrânia, não apenas humanitário e financeiro, mas também militar, incluindo a aquisição de capacidades americanas através do regime PURL (*Prioritized Ukraine Requirement List*) (Politico, 2025a).

Alguns analistas alertam que uma Europa mais autónoma poderá reduzir os incentivos para alinhar com as preferências norte-americanas, enfraquecendo o valor político-estratégico da Aliança. Como observa Blankenship, “pedir aos aliados que contribuam mais para a sua própria defesa reduz a sua dependência da proteção dos EUA e, conseqüentemente, os seus incentivos para permanecerem na aliança e continuarem a alinhar as suas políticas com as preferências dos EUA (...). Se Washington espera transferir o fardo da defesa europeia para os seus aliados da NATO, terá mais dificuldade em convencê-los a serem parceiros no que diz respeito à China, por exemplo.” (Blankenship, 2024). Em contraponto, Julianne Smith e Lindsey Ford defendem que o reforço da cooperação entre aliados europeus e parceiros do Indo-Pacífico poderá, na realidade, fortalecer a grande estratégia dos EUA, promovendo a interdependência operacional em áreas como integração industrial de defesa e consciência situacional multidomínio (Smith e Ford, 2025).

#### 4. A Cimeira da Haia: O Arranque do Pilar Europeu na NATO

A cimeira da NATO em Haia, em 24-25 de junho de 2025, assinalou três mudanças importantes: primeiro, foi aprovado o maior programa de rearmamento da Aliança desde o fim da Guerra Fria. No que alguns classificaram como histórico, foi alcançado o acordo “5 por 5”, segundo o qual os aliados europeus se comprometeram a mais do que duplicar as suas despesas de defesa, passando da antiga meta de 2% do PIB para 5% do PIB anualmente até 2035 (NATO, 2025). Em contrapartida, obtiveram uma reafirmação pública do compromisso norte-americano com o artigo 5.º, que consagra a obrigação de todos os Estados-membros prestarem apoio a qualquer aliado que seja alvo de um ataque. A inclusão do apoio militar e financeiro à Ucrânia no cálculo dos 5% do PIB, reforça a integração da Ucrânia na postura de dissuasão euro-atlântica e consolida a sua relação de parceria com a Aliança, apesar de não se enquadrar formalmente como membro pleno.

Segundo, a Cimeira da Haia marcou o início de uma nova fase da Aliança, com o arranque do pilar europeu da NATO, do qual se falava desde o fim da Guerra Fria, mas que nunca chegara a desenvolver-se. O pilar europeu da NATO implica a redistribuição de encargos (*burdenshifting*) entre os Estados Unidos e a Europa; permite uma maior autonomia europeia no planeamento e na aquisição de capacidades; exige mais responsabilidade política e financeira na defesa coletiva; e conduz a uma redefinição das relações NATO-União Europeia (UE) (Raik, 2025). Este modelo permite que a NATO mantenha a sua relevância como organização euro-atlântica central, enquanto promove a capacidade europeia de agir com independência face aos Estados Unidos ao assumir capacidades de defesa efetivas (Duff, 2024). O compromisso dos aliados europeus de investir 5% do PIB em defesa estabelece a base material para um pilar europeu, e, se este for eficazmente implementado, reforça a capacidade de dissuasão independente da Europa.

A revisão da postura de forças norte-americanas na Europa (*US Force Posture Review*) em curso, cuja apresentação é esperada nos próximos meses, deverá provavelmente determinar uma redução do número de tropas, aproximando-o dos níveis anteriores à invasão russa. O ponto crucial, porém, é saber se os Estados Unidos optarão por um recuo gradual e coordenado com os aliados europeus ou se agirão de forma abrupta e unilateral. Um indício de que a transição para uma Aliança mais orientada pela liderança europeia poderá ser menos abrupta do que se temia foi a nomeação do General da Força Aérea dos EUA, Alexis Grynkewich, como comandante supremo da NATO na Europa. A decisão veio após semanas de incerteza sobre se os Estados Unidos iriam reduzir o seu envolvimento na Europa e se continuariam a ocupar o comando do SACEUR – posição tradicionalmente mantida pelos americanos desde a criação da Aliança – ou se o cargo seria transferido para um militar europeu, como indicativo de um distanciamento estratégico dos

EUA. Politicamente, a nomeação foi vista como um sinal político tranquilizador de Washington para os aliados europeus, sublinhando o compromisso dos EUA com a NATO (Reuters, 2025).

O desenvolvimento de um pilar europeu dentro da NATO afirma-se como a via mais eficaz para reduzir vulnerabilidades: se os aliados europeus e o Canadá assumirem a maioria dos requisitos de capacidades definidos nos novos planos regionais da Aliança, a NATO poderá evoluir para uma postura de defesa substancialmente menos dependente das capacidades militares norte-americanas, e das oscilações políticas dos seus decisores (Schmitt 2025). A administração Trump, porém, não clarificou o papel dos Estados Unidos na transição para esta liderança europeia.

Terceiro, a cimeira pode marcar o fim da posição ambígua dos Estados Unidos sobre como veem o papel dos europeus na Aliança, à qual assistimos desde o final da Guerra Fria: por um lado, sucessivos presidentes exigiam aos europeus que partilhassem mais equitativamente os encargos financeiros e militares da Aliança (*burdensharing*) com os EUA e, por outro, cada presidente norte-americano tem-se oposto a uma maior autonomia estratégica europeia que pudesse conduzir a uma emancipação dos aliados europeus. Durante décadas, as tentativas europeias de reforçar a autonomia estratégica (por exemplo, a Política Europeia de Segurança e Defesa no início dos anos 2000) foram recebidas com ambivalência por Washington e contestadas internamente na Europa. O receio de duplicação de capacidades, fratura política ou desalinhamento transatlântico dificultou o avanço de um pilar europeu robusto.<sup>3</sup> A conjuntura atual rompe com essa tradição. A combinação entre o retraimento estratégico dos EUA, a incerteza política introduzida pela administração Trump, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a intensificação das ameaças híbridas impõe um imperativo estrutural para que a Europa construa pilar europeu no interior da NATO.

Na realidade, os Estados Unidos tinham alertado os europeus, repetidamente, da necessidade de fazerem mais pela sua defesa ou de caírem na irrelevância estratégica. O antigo secretário da defesa norte-americano, Robert Gates, em princípios de 2010, falou de uma “cultura de desmilitarização na Europa”, uma situação “onde

---

3 Um exemplo dessa resistência por parte de sucessivas administrações norte-americanas foi o que ficou conhecido como os “3 D”, que a antiga secretária de Estado Madeleine Albright definiu como resposta à nascente Política Europeia de Segurança e Defesa da UE, antecessora da atual Política Comum de Segurança e Defesa, em finais da década de 1990. Os princípios estipulavam que: 1) não poderia ocorrer uma dissociação entre a defesa europeia e a NATO; 2) não poderia ocorrer uma duplicação de estruturas e capacidades; 3) não poderia ocorrer discriminação da UE face a países não membros da União, principalmente no que se referia ao *procurement* de capacidades, nomeadamente às empresas americanas. Secretary of State Madeleine K. Albright (1998). Statement to the North Atlantic Council, US State Department, 8 de dezembro. <https://1997-2001.state.gov/statements/1998/981208.html>.

grande parte do público em geral e da classe política são avessos ao uso da força militar e aos riscos que lhe estão associados”. Um ano mais tarde, em junho de 2011, Gates alertava para “um futuro obscuro senão mesmo sombrio para a aliança transatlântica” ao incorrer na “possibilidade muito real de irrelevância militar coletiva” devido à ausência de vontade política e capacidades militares insuficientes (Shanker e Erlanger, 2011).

Nesse mesmo ano, o então secretário-geral da NATO, Anders Fogh Rasmussen, criticou a discrepância entre Europa e Estados Unidos na percentagem do PIB alocados à defesa e alertou que a diferença entre as capacidades de defesa de ambos os lados do Atlântico continuaria a aumentar. Entre 2009 e 2010, “as despesas com a defesa dos países europeus membros da NATO diminuíram cerca de 45 mil milhões de dólares – o equivalente a todo o orçamento anual de defesa da Alemanha. De facto, os Aliados da NATO iniciam a nova década mais distantes do que nunca em termos de investimento na defesa. Há dez anos, os Estados Unidos representavam pouco menos de metade da despesa total em defesa dos membros da NATO. Hoje, a participação americana está perto dos 75% – e continuará a crescer” (Rasmussen, 2011).

Por último, os aliados europeus pretendem reduzir a dependência estrutural europeia, alimentada pela dissuasão nuclear americana, pela superioridade tecnológica e pela presença de forças norte-americanas no continente, a qual permitiu que a maioria dos Estados europeus reduzisse drasticamente os seus orçamentos de defesa após 1991. Volvidos 34 anos, e perante a urgência do rearmamento europeu e da recalibração da relação transatlântica, a cimeira da Haia constitui, portanto, um ponto de partida para se desenvolver o pilar europeu da NATO. A concretizar-se, isto corresponderá a uma mudança na balança de poder no seio da Aliança, com os Estados Unidos a deixarem de ser a potência dominante e os aliados europeus, depois de terem reconhecido o fim da ordem pacífica do pós-Guerra Fria e de terem despertado radicalmente para um novo ambiente geopolítico, ao assumirem maior responsabilidade pela própria defesa da Europa. Nesse contexto, a cimeira proporcionou, alívio político e estratégico, mas não ofereceu tempo para complacências (Daehnhardt, 2025a).

## **5. O Rearmamento Europeu e o Pivô Estratégico da Alemanha**

Os aliados europeus estão, assim, a proceder ao rearmamento das suas indústrias de defesa, a diferentes ritmos nacionais, para colmatar lacunas críticas de capacidades e fortalecer a base industrial de defesa europeia. Para o efeito, a União Europeia lançou um conjunto de incentivos para uma defesa europeia mais integrada. O novo instrumento financeiro, SAFE (*Security Action for Europe*), aprovado pelo

Conselho Europeu em maio de 2025, disponibiliza até 150 mil milhões de euros para financiar investimentos urgentes, incentivar aquisições conjuntas e fortalecer a Base Tecnológica e Industrial de Defesa Europeia, com vista a promover a interoperabilidade e a reduzir a fragmentação dos sistemas nacionais.<sup>4</sup> Na dimensão institucional, a forma como o SAFE visa aprofundar a interdependência industrial entre a UE e a Aliança Atlântica pode incentivar o avanço do pilar europeu da NATO, mas isso dependerá do modo como a UE equilibra a autonomia industrial com a cooperação transatlântica (Ewers-Peters, 2025).

O SAFE integra-se no Roteiro de Prontidão para a Defesa da UE até 2030, apresentado pela Comissão Europeia em outubro de 2025, que prevê 800 mil milhões de euros destinados ao rearmamento europeu, combinando financiamento nacional, fundos de coesão e apoio do Banco Europeu de Investimento.<sup>5</sup> As quatro iniciativas centrais deste *Defence Readiness Roadmap 2030*, nomeadamente: 1) Vigilância do flanco leste; 2) Iniciativa Europeia de Defesa dos Drones; 3) Escudo Aéreo Europeu e 4) Escudo Espacial Europeu visam aprofundar a integração da defesa, ampliar a coordenação de aquisições e fortalecer a base industrial europeia. Este Roteiro, anteriormente designado de *ReArm Europe*, tem como objetivo, a longo prazo, assegurar uma transição estratégica em que a Europa avance rumo à autonomia militar, fortalecendo a sua defesa convencional e a capacidade nuclear potencial, mantendo a NATO como eixo central, conquanto com menor dependência do envolvimento militar direto dos Estados Unidos (Clapp et al., 2025).

No contexto da transformação militar europeia, a Alemanha, sob liderança do chanceler Friedrich Merz, assumiu a iniciativa estratégica. Considerando a administração Trump como sendo indiferente em relação à Europa, Merz declarou durante a campanha eleitoral que a sua prioridade seria fortalecer a Europa rapidamente, a fim de reduzir a dependência em relação aos Estados Unidos (Merz, 2025). Merz

---

4 O SAFE prevê a aquisição de dois tipos de capacidades. As capacidades de categoria 1 incluem munições e mísseis; sistemas de artilharia; sistemas de combate terrestre e de apoio; equipamento para soldados e armas de infantaria; proteção de infraestruturas críticas; cibersegurança; e mobilidade militar. As capacidades de categoria 2 incluem sistemas de defesa aérea e antimísil; sistemas marítimos de superfície e submarinos; drones e sistemas antidrone; facilitadores estratégicos (como o transporte aéreo estratégico, reabastecimento aéreo); proteção de ativos espaciais; inteligência artificial; guerra eletrônica. Um dos requisitos industriais é que os contratos de aquisição devem garantir que o custo dos componentes originários de fora da UE, dos países da EFTA/EEE e da Ucrânia não exceda 35% do custo estimado dos componentes no produto final.

5 Em março de 2025, a Comissão e o Alto Representante apresentaram o Livro Branco para a Defesa Europeia – Prontidão 2030 (*White Paper for European Defence-Readiness 2030*), complementado pelo Plano *ReArm Europe/Readiness 2030* da Comissão, um pacote de defesa que visa proporcionar incentivos financeiros aos Estados-membros da UE para impulsionar um aumento significativo do investimento em capacidades de defesa.

assumiu uma posição de liderança no espaço euro-atlântico, o que representa uma rutura com a política alemã de segurança e defesa depois de 1990, e demonstra a disposição da Alemanha em assumir um papel mais proeminente na defesa europeia dentro da NATO (Daehnhardt, 2022b e 2025b). Se for concretizada estrategicamente, a nova postura de defesa alemã pode remodelar o equilíbrio de poder dentro da NATO e redefinir a ordem de segurança do continente (Koenig e Schütte 2025; Major e Mölling, 2025; Politico 2025c).

Neste sentido, a coligação vencedora das eleições legislativas de fevereiro de 2025 alterou a constituição para permitir o endividamento direcionado para a defesa, viabilizando empréstimos para fins militares e investimentos substanciais em capacidades defensivas.<sup>6</sup> Esta medida, sem precedentes, contornou o rígido travão da dívida e introduziu reformas fiscais que flexibilizam os gastos com defesa, condição essencial para fortalecer base industrial de defesa alemã.<sup>7</sup> Trata-se da reforma mais abrangente da política de defesa alemã desde a Guerra Fria. Para implementar esta visão, a Alemanha criou um fundo de modernização de 500 bilhões de euros destinado a reconstruir a *Bundeswehr*, permitindo que se torne a maior força convencional da Europa e o núcleo da defesa convencional europeia (Major e Mölling, 2025). O sucesso dependerá da execução dos investimentos, das reformas estruturais e da cooperação europeia (Monaghan, 2023). O destacamento de uma brigada blindada permanente na Lituânia evidencia concretamente a projeção do poder alemão e o comprometimento com a defesa coletiva, e poderá possivelmente constituir um modelo para futuros destacamentos de aliados europeus.<sup>8</sup> No contexto da guerra na Ucrânia, Merz tem adotado uma postura mais ousada do que o seu antecessor, Olaf Scholz, flexibilizando restrições de alcance de armamentos fornecidos e promovendo o desenvolvimento conjunto de sistemas de longo alcance com Kiev.<sup>9</sup>

A nova política de defesa da Alemanha é indissociável das políticas de defesa dos parceiros europeus e dos Estados Unidos da América. Propostas como a extensão do guarda-chuva nuclear francês a outros Estados europeus, avançada pelo presidente francês Emmanuel Macron, foram bem recebidas em Berlim, e indicam um

---

6 BBC (2025). "Germany votes for historic boost to defence spending", 18 de março. <https://www.bbc.com/news/articles/c62z6g1jv2yo>.

7 POLITICO (2025b). "Germany's new €377B military wish list", 25 outubro. <https://www.politico.eu/article/germany-military-wish-list-defense-politics-budget-domestic-industry/>.

8 Rafael Loss (2025). "Blueprints on the border: Germany's Lithuania deployment may be Europe's new template", *European Council on Foreign Relations*, 4 de junho. <https://ecfr.eu/article/blueprints-on-the-border-germanys-lithuania-deployment-may-be-europes-new-template/>.

9 Deutsche Welle (2025). "Germany's Merz: No more range limits for weapons for Ukraine", 26 de maio. <https://www.dw.com/en/germanys-merz-no-more-range-limits-for-weapons-to-ukraine/a-72676864>.

movimento rumo a uma maior independência estratégica (Chevreuil e Horschig, 2025). O primeiro-ministro britânico Keir Starmer assinou uma parceria de segurança e defesa do Reino Unido com a UE, garantindo a participação industrial do seu país em programas europeus de desenvolvimento de capacidades militares (Grand, 2025) e a Polónia continua a advogar uma postura mais firme da NATO no seu flanco oriental, com gastos acima de 4% do PIB em defesa (Erlanger, 2025).

## 6. Desafios Estruturais

O acordo alcançado na cimeira da Aliança, em Haia, consolidou compromissos importantes, mas evidenciou simultaneamente os desafios estruturais que a Europa continua a enfrentar.<sup>10</sup> O caminho para a consolidação de um pilar europeu da NATO<sup>11</sup> exigirá, como refere Ivo Daalder, antigo Embaixador dos Estados Unidos na NATO, “três coisas que são atualmente escassas: dinheiro, tempo e cooperação dos EUA” (Daalder, 2025). Daalder ressalta que, mesmo com recursos financeiros e tempo, o sucesso da transição europeia dependerá do apoio ativo dos EUA, pois uma retirada rápida e descoordenada poderia desestabilizar a estrutura integrada construída ao longo de décadas.

O avanço para uma NATO mais europeia não impede, por isso, que persistam desafios estruturais que essa nova dinâmica europeia não poderá ignorar. Alguns destes desafios serão aqui debatidos. Primeiro, serão necessários investimentos substanciais para adquirir as capacidades exigidas, bem como para treinar e equipar devidamente as forças armadas. O financiamento de um pilar europeu não é feito

---

10 Na realidade, durante décadas, as tentativas europeias de reforçar a autonomia estratégica (por exemplo, a Política Europeia de Segurança e Defesa no início dos anos 2000) foram recebidas com ambivalência por Washington e contestadas internamente na Europa. O receio de duplicação de capacidades, fratura política ou desalinhamento transatlântico dificultou o avanço de um pilar europeu robusto. A conjuntura atual rompe com essa tradição. A combinação entre o retraimento estratégico dos EUA, a incerteza política introduzida pela administração Trump, a guerra total da Rússia contra a Ucrânia e a intensificação das ameaças híbridas criam um imperativo estrutural para que a Europa se torne num polo autónomo de defesa, mesmo no interior da NATO.

11 Durante décadas, as tentativas europeias de reforçar a autonomia estratégica (por exemplo, a Política Europeia de Segurança e Defesa no início dos anos 2000) foram recebidas com ambivalência por Washington e contestadas internamente na Europa. O receio de duplicação de capacidades, fratura política ou desalinhamento transatlântico dificultou o avanço de um pilar europeu robusto. A conjuntura atual rompe com essa tradição. A combinação entre o retraimento estratégico dos EUA, a incerteza política introduzida pela administração Trump, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a intensificação das ameaças híbridas criam um imperativo estrutural para que a Europa um pilar europeu no interior da NATO.

através de um mecanismo único e centralizado, mas depende dos orçamentos nacionais, dos instrumentos da UE e das estruturas multinacionais que, coletivamente, reforçam a participação dos aliados europeus no esforço geral de defesa da NATO. O desafio central reside na forma como os Estados europeus irão financiar, de maneira sustentável, o aumento das despesas de defesa a longo prazo, sobretudo num contexto de inflação e possível recessão, e em saber se conseguirão direcionar esses recursos para aquisições de forma eficaz e verdadeiramente colaborativa (Burilkov et al., 2025). O Relatório Draghi, de setembro de 2024, é explícito quanto à urgência de a defesa europeia assentar em bases consolidadas que garantam a competitividade das empresas e do modelo económico europeu (Draghi, 2024).

Um segundo desafio é a fragmentação industrial e logística. O desenvolvimento de uma capacidade industrial de defesa robusta será crucial para a construção de um pilar europeu dentro da NATO. Mas o panorama da defesa europeia permanece fragmentado no desenvolvimento e na aquisição de capacidades de defesa e inovação. As indústrias de defesa europeias permanecem fragmentadas, com prioridades nacionais divergentes, processos de aquisição inconsistentes e perceções distintas sobre ameaças. A concretização do pilar europeu exige que os Estados europeus forneçam 75-80% das forças necessárias para implementar os planos de defesa regional até 2030, incluindo capacidades críticas como comunicações por satélite e defesas aéreas avançadas (Daalder, 2025). A fragmentação das políticas nacionais de defesa, a dispersão industrial e a limitada interoperabilidade entre diferentes sistemas continuam a impedir que a Europa desenvolva poder militar credível num prazo compatível com os desafios emergentes. Paralelamente, na área da mobilidade militar, crucial para a dissuasão europeia, o progresso tem sido lento tanto na NATO como na UE, uma vez que cada organização tende a considerar que o tema é da responsabilidade da outra. Persistem deficiências na capacidade de movimentar rapidamente forças e abastecimentos em território europeu, em caso de conflito, devido a lacunas nas infraestruturas militares (ferroviária, rodoviária, portuária e logística transfronteiriça), o que impede deslocamentos ágeis de forças da Aliança para o flanco leste (Scazzieri, 2025). Estas deficiências são especialmente acentuadas na Alemanha, placa giratória para a movimentação de tanques, devido ao mau estado das infraestruturas.<sup>12</sup> Para começar a colmatar esta lacuna, a Alemanha, os Países Baixos e a Polónia assinaram um acordo, em fevereiro de 2024, para criar um corredor de ajuda rápida para a Ucrânia e facilitar a futura mobilização no

---

12 “Verteidigung: so gefährdet die marode Infrastruktur die deutsche Sicherheit”, *T-online*, 8 junho de 2025. [https://www.t-online.de/nachrichten/deutschland/militaer-verteidigung/id\\_100751732/verteidigung-so-gefaehrdet-die-marode-infrastruktur-die-deutsche-sicherheit.html](https://www.t-online.de/nachrichten/deutschland/militaer-verteidigung/id_100751732/verteidigung-so-gefaehrdet-die-marode-infrastruktur-die-deutsche-sicherheit.html).

---

flanco leste da NATO.<sup>13</sup> Em novembro de 2025, a Bélgica, a Chéquia, o Luxemburgo, a Eslováquia e a Lituânia anunciaram que iriam juntar-se à Alemanha, Países Baixos e Polónia para criarem a Região de Mobilidade Militar do Centro-Norte da Europa, com o objetivo de coordenar esforços no desenvolvimento de infraestruturas e monitorização conjuntas, coordenação de movimentos e uma maior partilha de informações.<sup>14</sup> Um primeiro passo para diminuir essas limitações e possibilitar um acordo «Schengen militar», através da definição de uma área na qual armamento e forças armadas podem circular pela zona de livre circulação da UE, foi lançado em 19 de novembro, quando a Comissão Europeia apresentou um documento que visa “criar uma Área de Mobilidade Militar em toda a UE até ao final de 2027 para alcançar progressivamente um «Schengen militar» nas dimensões regulamentar, de infraestruturas e de capacidades”.<sup>15</sup> A iniciativa, lançada pelo comissário europeu para a Defesa e Espaço, Andrius Kubilius, prevê o investimento massivo em centenas de infraestruturas como linhas férreas, portos e pontes, em toda a Europa, incluindo nos países candidatos à UE, nomeadamente a Ucrânia e a Moldóvia, que a Comissão considera serem cruciais para a integração nas estruturas de transporte militar da UE.

Neste contexto de mudança drástica e de transferência de responsabilidades dos Estados Unidos para os países europeus da NATO, um terceiro desafio é como a Europa vai assegurar o elo transatlântico e o apoio norte-americano: existem pelo menos três dificuldades a ter em conta. Uma primeira dificuldade prende-se com o desenvolvimento de capacidades e como reduzir a dependência europeia de capacidades críticas dos EUA em áreas de facilitadores estratégicos (*strategic enablers*) norte-americanos, como ISR (*Intelligence, Surveillance, Reconnaissance*: informações, vigilância e reconhecimento), defesa aérea e antimísseis integrada, reabastecimento ar-ar, ataques de precisão de longo alcance, transporte aéreo estratégico, bem como capacidades cibernéticas e espaciais. A revisão em curso da postura militar norte-americana na Europa, referida anteriormente, incluindo a provável redução de tropas no flanco leste, realça esta vulnerabilidade. Embora o Pentágono afirme

---

13 Reuters (2024). “Three NATO allies sign deal to speed up military deployments to eastern flank”, 30 de janeiro. <https://www.reuters.com/world/europe/three-nato-allies-sign-deal-speed-up-military-deployments-eastern-flank-2024-01-30/> Euronews. Poland signs ‘military Schengen’ deal alongside Germany and Netherlands, 9 de fevereiro de 2024. <https://www.euronews.com/2024/02/09/poland-signs-military-schengen-deal-alongside-germany-and-netherlands>.

14 Radio Free Europe (2025), “Wider Europe Briefing: Will The EU Be Able To Create A «Military Schengen»?”, 18 de novembro. <https://www.rferl.org/a/wider-europe-jozwiak-military-schengen-eu/33593920.html>.

15 “Commission moves towards «Military Schengen» and transformation of defence industry”, comunicado de imprensa, 19 de novembro de 2025. [https://ec.europa.eu/commission/press-corner/detail/en/ip\\_25\\_2724](https://ec.europa.eu/commission/press-corner/detail/en/ip_25_2724). A iniciativa insere-se no Roteiro ‘EU Defence Industry Transformation Roadmap: Unleashing Disruptive Innovation for Defence Readiness’.

que tais ajustes não deverão afetar o compromisso com a NATO, a substituição dessas capacidades pelos europeus será muito difícil e apenas gradual. Uma segunda dificuldade decorre da concorrência industrial e tecnológica com Estados não europeus, especialmente com os Estados Unidos, o que levanta questões complexas de protecionismo. O desenvolvimento da indústria europeia de defesa e a aquisição de equipamentos europeus colidem frequentemente com os interesses industriais norte-americanos, refletindo décadas de dependência europeia face ao investimento dos EUA e de falta de reciprocidade no acesso aos mercados de armamento (Daehnhardt, 2022a). Ao mesmo tempo, a persistente preferência de muitos países europeus em adquirir equipamento militar norte-americano, israelita ou sul-coreano, através de acordos negociados bilateralmente, continua a dificultar a cooperação industrial europeia e a consolidação de um pilar europeu mais autónomo na NATO. A última dificuldade é que não é líquido que os Estados Unidos não voltem a adotar a atitude ambígua que tiveram durante muito tempo relativamente à defesa europeia e a um pilar europeu dentro da NATO.

Um quarto desafio é o risco de incumprimento. Em Bruxelas, em 5 de junho de 2025, os ministros da Defesa da NATO acordaram um novo conjunto de metas de capacidades para definir a repartição das responsabilidades de cada Estado-membro na implementação dos planos de defesa e comprometeram-se a apresentar relatórios anuais refletindo essa trajetória incremental.<sup>16</sup> No entanto, ainda não está definido como os aliados europeus irão expandir a produção de capacidades de defesa, especialmente em áreas críticas como defesa aérea, sistemas de armas de longo alcance e drones avançados, nem de que forma a cooperação industrial será reforçada. Constrangimentos burocráticos, infraestruturais e de coordenação entre diversos países continuam a desacelerar a transformação militar europeia. Existe, portanto, um risco de que os fundos não sejam utilizados de forma eficiente, que as despesas não consigam colmatar lacunas críticas de capacidade, que os processos de aquisição permaneçam lentos e que haja desequilíbrio entre investimentos em pessoal e equipamentos essenciais. O forte desinvestimento na defesa das últimas três décadas agrava esta situação. Mesmo que os Estados aumentem os orçamentos de defesa, isso não se traduzirá imediatamente na modernização das forças armadas nem na aquisição de novas capacidades, pois prioridades imediatas como recrutamento, atualização salarial, produção de munições e manutenção de arsenais existentes tendem a consumir a maior parte dos recursos. Paralelamente, a modernização do equipamento e a inovação tecnológica exigirão investimentos prolongados e contínuos.

---

16 NATO (2025). "NATO Defence Ministers agree new capability targets to strengthen the Alliance", 5 de junho. <https://www.nato.int/en/news-and-events/articles/news/2025/06/05/nato-defence-ministers-agree-new-capability-targets-to-strengthen-the-alliance#:~:text=Meeting%20in%20Brussels%20on%20Thursday,readiness%20for%20years%20to%20come>.

Um quinto desafio é o risco de fragmentação política. A fragmentação política entre os Estados-membros da NATO e da UE, resultante de percepções de ameaça divergentes e níveis distintos de ambição, decorrentes de geografias e registros históricos diferenciados, constitui outro obstáculo à ação estratégica coordenada. Acresce que a UE e os seus Estados-membros ainda estão longe de partilharem uma cultura estratégica comum, condição essencial para avanços significativos na defesa europeia. A ausência de consenso sobre a ameaça russa tem dificultado a definição de uma estratégia comum face à Rússia, e as divergências sobre o relacionamento com a China ou sobre a integração da Ucrânia na NATO são apenas três exemplos que atestam a dificuldade de definição da estratégia futura para a defesa da Europa. As divergências entre países do Sul, países nórdicos ou países do Leste, que se tem observado relativamente à guerra na Ucrânia, estendem-se a outros domínios da segurança europeia e é provável que o gradual retraimento dos Estados Unidos acentue essas divergências (Brattberg 2025).

Um sexto desafio relevante é garantir o apoio da opinião pública e o reforço da resiliência das democracias europeias. O retraimento parcial dos EUA e a intensificação das ameaças híbridas e convencionais colocam os governos europeus perante a dupla dificuldade de, por um lado, consolidar as instituições democráticas e assegurar a coesão social, e, por outro, de desenvolver as suas capacidades de defesa e o apoio à Ucrânia. Quanto à resiliência democrática, destaca-se a questão da preparação societal, em consonância com as recomendações do relatório Niinistö, apresentado pelo antigo presidente da Finlândia ao Parlamento Europeu em outubro de 2024. O documento defende uma abordagem *whole-of-society*, integrando estruturas civis e militares, e desenvolvida em complementaridade com a NATO (Niinistö, 2024). Mas esta abordagem pressupõe uma mudança profunda na mentalidade das sociedades europeias, passando de uma lógica predominantemente orientada para a paz – historicamente fundadora do projeto de integração europeia – para uma abordagem que reconheça a guerra como possibilidade real, exigindo o reforço sistemático das defesas europeias para a poder evitar. O “código genético” da UE, assente em conceitos como “anti-hegemonia”, “dividendos da paz”, “potência civil” ou “potência normativa”, que pressupunha um ambiente de paz, encontra-se em transformação desde a invasão russa da Ucrânia, com o fim da inocência estratégica europeia ou o início de um “acordar estratégico” sem precedentes. Como sintetizou o chanceler Merz, a Europa “não está em guerra, mas também já não está em paz” (Merz, 2025). A percepção de um contínuo estado de insegurança, entre a paz e a guerra, sentida cada vez mais entre os cidadãos europeus, não é partilhada desta forma pelos americanos.

O sétimo desafio, a médio-longo prazo, pouco contemplado, é a reabertura do debate sobre uma eventual dissuasão nuclear europeia (Freedman, 2025). Antes da invasão da Ucrânia, em 2022, este tema permanecia amplamente marginalizado no

debate político e estratégico, em grande parte devido à sensibilidade política associada ao armamento nuclear e à dependência estrutural da garantia de segurança dos Estados Unidos. Desde a Guerra Fria, os Estados Unidos tinham acordos de partilha nuclear com alguns países europeus, entre os quais a Alemanha e a Itália, garantindo a dissuasão nuclear à Europa através de acordos nos quais os Estados Unidos, proprietários do armamento nuclear, deliberavam sobre a autorização do uso da arma nuclear, ao passo que a “*host nation*”, país no qual as armas americanas estavam estacionadas, detinha o controlo sobre a aeronave que transportava o armamento. Esses acordos ainda são válidos, mas a agressão russa e a subsequente deterioração do ambiente de segurança, no continente europeu, conferiram urgência à discussão sobre se alguns países europeus devem desenvolver armamento nuclear. Num cenário de eventual redução da presença militar norte-americana no continente, os Estados Unidos poderão optar por manter ou ajustar a sua garantia nuclear. A possibilidade de uma retração dessa garantia seria particularmente disruptiva, pois privaria a Europa do principal elemento estabilizador que tem sustentado a repartição cooperativa dos encargos de defesa no quadro transatlântico. Tal cenário reforçaria a necessidade de explorar alternativas internas que assegurem a credibilidade da dissuasão europeia. Entre as opções possíveis discutidas por analistas encontra-se um sistema desenvolvido e gerido coletivamente pelos Estados-membros dotados de capacidades tecnológicas e industriais relevantes, por enquanto, apenas o Reino Unido e a França; ou um mecanismo de controlo rotativo ou partilhado (Bollfrass, 2025; Chevreuil e Horschig, 2025; Vicente, 2025). É certo que este tema continuará a ser controverso, e a discussão sobre a possibilidade de países como a Alemanha, a Polónia, ou outros virem a desenvolver armamento nuclear, está apenas no início.

## 7. O Pilar Europeu da NATO

Na trajetória da transformação militar europeia, com vista a enfrentar estes desafios acima enunciados, a construção de um pilar europeu na NATO representa, por isso, a resposta mais pragmática – embora limitada – para reduzir as vulnerabilidades estratégicas europeias e preservar um equilíbrio político entre o fortalecimento da defesa da UE e a manutenção de sinergias com a NATO (Bergmann, 2024; Bond, 2025; Howorth, 2025; Marrone, 2024; Ringsmose e Webber, 2020; Tardy, 2025). Para que um pilar europeu da NATO possa desenvolver-se, serão necessárias medidas específicas que tenham em conta a integração industrial e padronização de capacidades que permitam a crescente interoperabilidade dos diferentes sistemas; o planeamento operacional conjunto com metas vinculativas; o reforço da dimensão europeia da dissuasão, em estreita coordenação com a França e o Reino Unido; a delimitação

funcional de tarefas entre a NATO e a UE, para garantir complementaridade e evitar redundâncias; e, finalmente, o financiamento sustentável ligado ao cumprimento de compromissos plurianuais de investimento, que assegurem previsibilidade e continuidade. Se implementadas, estas medidas permitirão reduzir a dependência estrutural em relação aos EUA, reforçar a resiliência europeia e estabilizar a arquitetura de segurança transatlântica, num período de profunda transformação geopolítica. Sem avanços nestas áreas, a ambição de um pilar europeu permanecerá vulnerável à mesma fragilidade estratégica que procura superar.

Num cenário a longo prazo, um pilar europeu na NATO poderia significar que a Europa assume a responsabilidade de defender a Europa, especialmente contra a Rússia. Os EUA continuariam a fazer parte da NATO, mas a Europa não dependeria das tropas americanas estacionadas na Europa para manter a dissuasão; tropas europeias constituiriam a primeira linha de defesa ao longo do flanco oriental da NATO, na região do Báltico, Polónia e Roménia e aí colocariam a maioria das forças convencionais de dissuasão, brigadas blindadas, defesa aérea, artilharia. Um pilar europeu poderia assentar na criação de um Conselho de Segurança Europeu que definisse a direção estratégica e constituísse o órgão de decisão de alto nível capaz de tomar decisões rapidamente, constituído por membros permanentes como a França, a Alemanha, o Reino Unido, a Itália, a Polónia e membros rotativos entre os restantes membros.

Um pilar europeu poderia ter uma estrutura de comando europeia integrada na NATO, por exemplo, um Vice-Comandante Supremo Aliado Europeu (Vice-SACEUR) europeu com autoridade operacional sobre as forças na Europa, apoiado por um quartel-general operacional europeu para gerir operações no teatro europeu, mas subordinado ao comando do SACEUR (Howorth, 2025). Um pilar europeu poderia ter uma força militar permanente europeia, por exemplo, brigadas pesadas e brigadas de reação rápida, uma rede de defesa aérea e antimísseis, como Patriot e IRIS-T, que constituísse um sistema europeu unificado de defesa aérea e antimísseis, grupos aéreos e navais europeus. Um pilar europeu deveria desenvolver um sistema de ISR (inteligência, vigilância, reconhecimento) europeu autónomo, que reduzisse a dependência estrutural dos facilitadores estratégicos dos EUA, sustentado num sistema de satélites de reconhecimento e em drones de longa autonomia europeus, bem como numa rede unificada de defesa aérea e antimíssil.

Um pilar europeu também deveria ter um quadro unificado da indústria de defesa europeia que assegurasse a crescente interoperabilidade dos sistemas nacionais e criasse *stocks* europeus partilhados de munições e linhas de produção. Esse pilar construiria ainda um «Schengen Militar» para o movimento rápido de tropas e poderia, no futuro, incluir um sistema de dissuasão nuclear europeu, que aproximasse a dissuasão nuclear da França e do Reino Unido e assentasse num grupo de planeamento nuclear europeu da NATO, mas este elemento permanece hipotético,

até porque a possibilidade de constituição de novas potências nucleares europeias, como a Alemanha ou a Polónia, seria contestada pelos parceiros europeus e pelos Estados Unidos.

Por último, um pilar europeu na NATO deveria integrar o Reino Unido, a Noruega e os Estados da NATO não pertencentes à UE, porque aquele deve integrar todos os países europeus e não apenas os Estados membros da União Europeia (Bond, 2025). Por agora, contudo, prevalecem diferentes modelos sobre a configuração de um pilar europeu da NATO. Entre as três principais potências europeias, a Alemanha, a França e o Reino Unido, há posições diferentes no que se refere ao que o pilar deve ser. A Alemanha pretende fortalecer a NATO, através da dotação de capacidades mais fortes à UE. Por seu turno, a França considera que a Europa deve ser estrategicamente autónoma, dentro da NATO. O Reino Unido, por fim, aceita que a Europa fortaleça a NATO mas não a UE. A Alemanha considera essencial manter os EUA envolvidos enquanto o pilar europeu se constitui, ao passo que a França pretende reduzir a dependência dos EUA e assegurar que a Europa possa agir sozinha, se necessário; o Reino Unido pretende manter a NATO como centro da segurança europeia e garantir uma forte liderança dos Estados Unidos na Aliança, juntamente com o Reino Unido. Num cenário futuro, a relação entre a Europa e os Estados Unidos oscila entre uma Europa que poderá um dia “substituir” o domínio dos EUA na NATO (Howorth, 2025) e uma Europa que deve reforçar a NATO, para que os EUA possam manter-se empenhados – mas com menos encargos (Bergmann, 2025).

## 8. Conclusão

A NATO e a defesa europeia enfrentam um cenário complexo, marcado pela fragmentação política, industrial e estratégica, ao mesmo tempo que se deparam com desafios estruturais e externos crescentes. A construção de um pilar europeu dentro da NATO, a consolidação da Base Tecnológica e Industrial de Defesa Europeia da UE e a modernização das capacidades militares não podem ser dissociadas do fortalecimento da resiliência democrática, da coesão social e da mudança de mentalidade das sociedades europeias, em relação à segurança e à prevenção da guerra.

Embora os novos compromissos orçamentais e os instrumentos de inovação representem avanços significativos, a eficácia da defesa europeia depende de coordenação política, harmonização estratégica e implementação operacional consistente. A fragmentação interna, tanto entre Estados-membros como entre instituições europeias, permanece um obstáculo central, dificultando a construção de uma capacidade europeia significativa sem comprometer a complementaridade com a NATO.

O sucesso da transformação militar europeia dependerá da capacidade de integrar compromissos financeiros, inovação tecnológica, interoperabilidade operacional e mudança cultural, através de uma estratégia coerente, capaz de responder às ameaças geopolíticas atuais e futuras, garantindo a estabilidade e a segurança do continente num período de crescente incerteza global. E dependerá de como os aliados europeus e os Estados Unidos irão navegar a recalibragem da relação transatlântica, no seio da NATO.

## Bibliografia

- BBC (2025). “Germany votes for historic boost to defence spending”, 18 de março. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c62z6gljv2yo>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Bergmann, M. (2024). “A more European NATO”, *Foreign Affairs*, 21 de março. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/europe/more-european-nato>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Bergmann, M. e Svendsen, O. (2025). “How Europe can defend itself with less America”, Center for Strategic and International Studies, 8 de outubro. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/how-europe-can-defend-itself-less-america>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Blankenship, B. (2024). “Managing the Dilemmas of Alliance Burden Sharing”, *The Washington Quarterly*, 47:1, 41-61, DOI: 10.1080/0163660X.2024.2323898.
- Brattberg, E. (2025). “The Impact of Evolving Threat Perceptions on the Transatlantic Alliance”, *Insights Papers*, RUSI, 6 de novembro. Disponível em: <https://www.rusi.org/explore-our-research/publications/insights-papers/impact-evolving-threat-perceptions-transatlantic-alliance>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Bollfrass, A.K. (2025). “A new European nuclear deterrent would not be a quick fix”, IISS, 2 de maio. Disponível em: <https://www.iiss.org/online-analysis/online-analysis/2025/05/a-new-european-nuclear-deterrent-would-not-be-a-quick-fix/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Bond, I. (2025). “NATO Summit 2025: Time to build a proper European pillar?”, *Centre for European Reform*, 2 de junho. Disponível em: <https://www.cer.eu/insights/nato-summit-2025-time-build-proper-european-pillar>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Burilkov, A. et al. (2025). “Fit for war by 2030? European rearmament efforts vis-à-vis Russia”, Kiel Institute for the World Economy and Bruegel, 3, 1 de junho. Disponível em: [https://www.kielinstitut.de/fileadmin/Dateiverwaltung/IfW-Publications/fis-import/eef51261-68bf-4883-b1e9-ed0fb74a92ed-Kiel\\_Report\\_no3.pdf](https://www.kielinstitut.de/fileadmin/Dateiverwaltung/IfW-Publications/fis-import/eef51261-68bf-4883-b1e9-ed0fb74a92ed-Kiel_Report_no3.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025].

- Clapp, S., Höflmayer, M., Lazarou, E. e Pari, M. (2025). “ReArm Europe Plan/Readiness 2030”, *European Parliamentary Research Service*. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2025/769566/EPRS\\_BRI\(2025\)769566\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2025/769566/EPRS_BRI(2025)769566_EN.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Chevreuil, A. e Horschig, D. (2025). “Can France and the United Kingdom Replace the U.S. Nuclear Umbrella?”, 4 de março. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/can-france-and-united-kingdom-replace-us-nuclear-umbrella>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- CNBC (2025). “Zelensky’s meeting with Trump and Vance unravels into na extraordinary clash”, 28 de fevereiro. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/white-house/zelenskyy-trump-white-house-russia-peace-talks-rare-earth-minerals-rcna194118>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- CNN (2025). “Hegseth rules out NATO membership for Ukraine and says Europe must be responsible for country’s security”, 12 de fevereiro. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/02/12/politics/hegseth-ukraine-rules-out-nato-membership>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Cohen, R. (2025). “A Europe in Emotional Shock Grapples With a New Era”, *New York Times*, 8 de março. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2025/03/08/world/europe/trump-putin-russia-europe.html>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Daalder, I. H. (2025). “NATO without America”, *Foreign Affairs*, 15 de abril. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/nato-without-america>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Daehnhardt, P. (2025a). “Relief, but no time for complacency”, *IDN Brief*, julho.
- Daehnhardt, P. (2025b). “Die Zeitenwende von außen betrachtet: hohe Führungserwartung an Deutschland”. In Michael Bartscher, Stefan Hansen e Michael Rohschürmann (eds). *Die Zeitenwende – sicherheitspolitischer Kulturwandel in der Bundesrepublik Deutschland? Implikationen einer, Normalisierung’ auf Gesellschaft und Bundeswehr*, Wiesbaden: Springer Verlag, 359-391. DOI: 10.1007/978-3-658-48044-8\_23.
- Daehnhardt, P. (2022a). ‘NATO’s new Strategic Concept and the EU’s Strategic Compass face reality: Euro-Atlantic security and defense in the context of the war in Ukraine’, *Atlantisch Perspectief*, 4, Vol.46, 7-11. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/48732617.pdf>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Daehnhardt, P. (2022b). “*Zeitenwende*: a Alemanha, a NATO e a Segurança Europeia”, *IDN Cadernos*, Nº 48, 1-97. Disponível em: [https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/idn-cadernos/Documents/2022/IDN\\_Cadernos\\_48\\_TextoIntegral.pdf](https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/idn-cadernos/Documents/2022/IDN_Cadernos_48_TextoIntegral.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025]

- Draghi, M., (2024). The Future of European Competitiveness: Part A, A competitiveness strategy for Europe and Part B, In-depth analysis and recommendations, setembro, European Commission. Disponível em: [https://commission.europa.eu/topics/eu-competitiveness/draghi-report\\_en](https://commission.europa.eu/topics/eu-competitiveness/draghi-report_en). [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Duff, A. (2024). "NATO and the European Union. Bridging the gap". Discussion paper, European Policy Center, 13 de maio. Disponível em: <https://d1xp398qalq39s.cloudfront.net/content/NATO.pdf>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Erlanger, S. (2025). "Why Poland Wants All of Europe to Do More to Defend Itself", *New York Times*, 7 de maio. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2025/05/07/world/europe/poland-nato-defense-spending.html>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- European Commission (2025). "Commission moves towards «Military Schengen» and transformation of defence industry", comunicado de imprensa, 19 de novembro de 2025. Disponível em: [https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/ip\\_25\\_2724](https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/ip_25_2724). [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Ewers-peters, N. M. (2025). "EU-NATO cooperation reloaded: the impact of European strategic autonomy", *Defence Studies*, 23 de setembro. DOI: 10.1080/14702436.2025.2562975.
- Fairness, T. e Benoit, B. (2024). "Europe Has a Painful Choice: War vs. Welfare", *Wall Street Journal*, 14 de setembro. Disponível em: <https://www.wsj.com/world/europe/europe-has-a-painful-choice-war-vs-welfare-41e9e7f7>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Freedman, L. (2025). "Europe's Nuclear Deterrent: The Here and Now", *Survival*, 67:3, 7-24, DOI: 10.1080/00396338.2025.2508078.
- Gaspar, C. (2023). "As Consequências Estratégicas da Guerra Russo-Ucraniana" Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 52, outubro, 8-76.
- Giles, K. (2024). *Who will Defend Europe? An Awakened Russia and a Sleeping Continent*. Londres: Hurst & Company.
- Grand, C. (2025). "Channelling security: A new era for EU-UK defence cooperation", European Council on Foreign Relations, 19 de maio. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/channelling-security-a-new-era-for-eu-uk-defence-cooperation/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Howorth, J. (2025). "European Defence and NATO: From Competition to Co-operation to Replacement?", *Journal of Common Market Studies*, 63, 156-168. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jcms.70010>.
- Koenig, N. e Schütte, L. (2025). "Don't Dodge Dilemmas Three Tests for German Leadership in European Defense", Munich Security Conference, Analysis 4. Disponível em: <https://securityconference.org/en/publications/analyses/dont-dodge-dilemmas-german-leadership-in-european-defense/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].

- Loss, R. (2025). "Blueprints on the border: Germany's Lithuania deployment may be Europe's new template", *European Council on Foreign Relations*, 4 de junho. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/blueprints-on-the-border-germanys-lithuania-deployment-may-be-europes-new-template/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Major, C. e Mölling, C. (2025). "Germany's Strategic Reckoning: Finally Ready to Assume Leadership", *Insights*, German Marshall Fund, 16 de maio. Disponível em: <https://www.gmfus.org/news/germanys-strategic-reckoning-finally-ready-assume-leadership>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Marrone, A. (2024). "A Europe-Led NATO to Guarantee European Security: The Time Has Come", *Aspenia Online*, 31 de maio. Disponível em: <https://aspensiaonline.it/a-europe-led-nato-to-guarantee-european-security-the-time-has-come/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Merz, F. (2025). "Speech by Federal Chancellor Merz in the General Debate," Berlin: The Federal Government, 9 de julho. Disponível em: <https://www.bundesregierung.de/breg-en/news/chancel-lor-merz-general-debate-2363668>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Monaghan, S. (2023). "Solving Europe's Defense Dilemma: Overcoming the Challenges to European Defense Cooperation," *CSIS Briefs*, CSIS, 1 de março. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/solving-europes-defense-dilemma-overcoming-challenges-european-defense-cooperation>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- MSC (2025). Munich Security Conference 2025 Speech by JD Vance and Selected Reactions, ed. by Benedict Franke, 15-24. Disponível em: [https://securityconference.org/assets/02\\_Dokumente/01\\_Publikationen/2025/Selected\\_Key\\_Speeches\\_Vol.\\_II/MS\\_C\\_speeches\\_2025\\_Vol2\\_Ansicht\\_gek%C3%BCrzt.pdf](https://securityconference.org/assets/02_Dokumente/01_Publikationen/2025/Selected_Key_Speeches_Vol._II/MS_C_speeches_2025_Vol2_Ansicht_gek%C3%BCrzt.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- NATO (2025): Hague Summit Declaration, North Atlantic Council, 25 de junho. Disponível em: <https://www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/2025/06/25/the-hague-summit-declaration>. [Acedido em 24 de novembro de 2025].
- Niinistö, S. (2024). "Safer Together: Strengthening Europe's Civilian and Military Preparedness and Readiness", European Commission, outubro. Disponível em: [https://commission.europa.eu/document/download/5bb2881f-9e29-42f2-8b77-8739b19d047c\\_en?file-name=2024\\_Niinisto-report\\_Book\\_VF.pdf](https://commission.europa.eu/document/download/5bb2881f-9e29-42f2-8b77-8739b19d047c_en?file-name=2024_Niinisto-report_Book_VF.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Pistorius, B. (2025). "Über Demokratie in Europa: Pistorius tritt Vance-Aussagen energisch entgegen", 14 de fevereiro. Disponível em: <https://www.bmvg.de/de/aktuelles/pistorius-rede-vance-demokratie-europa-5889426>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Politico (2025a). "Pressure mounts on NATO allies to go all-in on Trump arms scheme for Ukraine", 15 de outubro. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/pressure-mounts-nato-allies-go-all-in-us-trump-arms-scheme-ukraine/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
-

- Politico (2025b). "Germany's new €377B military wish list", 25 outubro. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/germany-military-wish-list-defense-politics-budget-domestic-industry/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Politico (2025c). "Germany's rearmament upends Europe's power balance", 12 de novembro. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/germany-rearmament-upends-europes-power-balance-military/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]
- Raik, K. (2025). "From Burdensharing to Burdenshifting? Europe at Pains to Adapt to the Changing Transatlantic Alliance", International Centre for Defence and Security, 24 de março. Disponível em: <https://icds.ee/en/from-burden-sharing-to-burden-shifting-europe-at-pains-to-adapt-to-the-changing-transatlantic-alliance/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Rasmussen, A. F. (2011). "Building security in an age of austerity", Keynote speech, Munich Security Conference, 4 de fevereiro. Disponível em: <https://www.nato.int/en/news-and-events/events/transcripts/2011/02/04/building-security-in-an-age-of-austerity>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Reuters (2025). "New NATO commander stresses unity at handover ceremony", 4 de julho. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/new-nato-commander-stresses-unity-handover-ceremony-2025-07-04/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Rhode, B. (2024). "Europe without America", *Survival*, 66(2), abril-maio, 7-18. <https://doi.org/10.1080/00396338.2024.2332054>.
- Ringsmose, J. e Webber, M. (2020). "Hedging Their Bets? The Case for a European Pillar in NATO", *Defence Studies*, 20(4), 295-317. <https://doi.org/10.1080/14702436.2020.1823835>.
- "SAFE: Council Adopts €150 Billion Boost for Joint Procurement on European Security and Defence", Council of the EU, 27 de maio de 2025. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2025/05/27/safe-council-adopts-150-billion-boost-for-joint-procurement-on-european-security-and-defence/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Scazzieri, L. (2025). "The Road to Readiness: how the EU can strengthen militar mobility", *Brief 25*, EUISS, outubro. Disponível em: [https://www.iss.europa.eu/sites/default/files/2025-10/Brief\\_2025-25\\_Military%20mobility\\_1.pdf](https://www.iss.europa.eu/sites/default/files/2025-10/Brief_2025-25_Military%20mobility_1.pdf). [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Schmitt, O. (2025). "Defending Europe: A new crisis of foundations", *Politique Étrangère*, 3, 77-89. Disponível em: <https://shs.cairn.info/journal-politique-etrangere-2025-3-page-77?lang=en>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Shanker, T. e Erlanger, S. (2011). "Blunt U.S. Warning Reveals Deep Strains in NATO", *The New York Times*, 10 junho. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/06/11/world/europe/11nato.html>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
-

- Smith, J. e Ford, L. (2025). "The New Eurasian Order. America must link its Atlantic and Pacific Strategies", *Foreign Affairs*. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/new-eurasian-order-smith-ford>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Tardy, T. (2025). "The European pillar of NATO: What French leadership?", *Institut Jacques Delors*, 15 de janeiro. Disponível em: <https://institutdelors.eu/en/publications/the-european-pillar-of-nato/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- The Guardian (2024). "Donald Trump again threatens to sacrifice Nato allies to Russia", 15 de fevereiro. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2024/feb/15/trump-russia-attack-nato-campaign-biden>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- US State Department (1998). Secretary of State Madeleine K. Albright. Statement to the North Atlantic Council, 8 de dezembro. Disponível em: <https://1997-2001.state.gov/statements/1998/981208.html>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Vicente, A. (2025). "European Nuclear Deterrent: With or Without NATO?", *Wilfried Martens Centre*, 12 de junho. Disponível em: <https://www.martenscentre.eu/blog/european-nuclear-deterrent-with-or-without-nato/>. [Acedido em 19 de novembro de 2025].
- Wolff, G. B., Steinbach, A. e Zettelmeyer, J. (2025). "The Governance and Funding of European Rearmament", *Policy Brief*, Bruegel, 7 de abril. Disponível em: <https://www.bruegel.org/policy-brief/governance-and-funding-european-rearmament>. [Acedido em 19 de novembro de 2025]